



Tema UNICAMP

Código da Redação
UNICAMP112019

Você é um jornalista carioca que acompanhou de perto, nos últimos três anos, as graves consequências sociais das fortes chuvas e enchentes na cidade. Dessa forma, decide escrever **um artigo de opinião** sobre o assunto. Seu texto deve ter:

- a) Contextualização e tese;
- b) Dois argumentos;
- c) Conclusão crítica.
- d) Assinatura com nome fictício

Use como base argumentativa a matéria abaixo:

Descaso com enchentes matou 2.500 pessoas no país em vinte anos

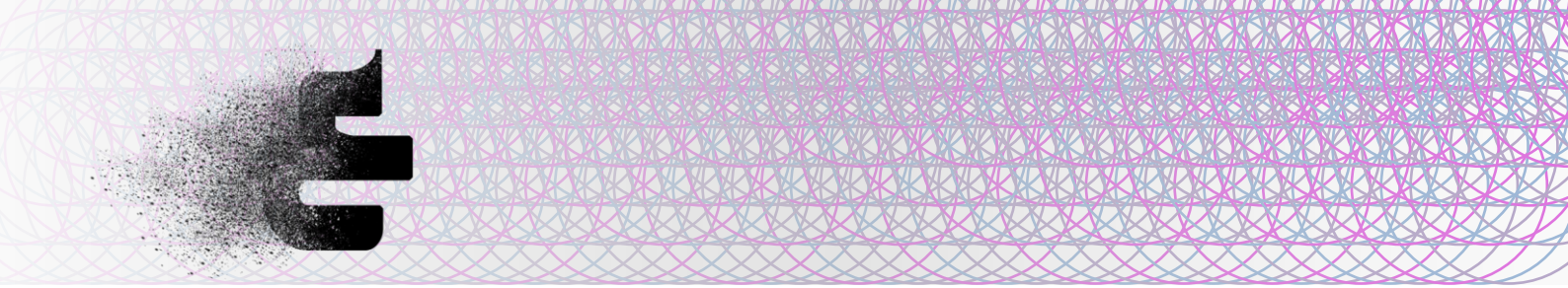
Rio está à frente da estatística, com 1.542 mortes causadas por deslizamentos, tempestades e inundações. Defesa Civil contabilizou 300 mil pessoas em áreas de alto risco no estado, mas investimento em soluções caiu

Natália Portinari

BRASÍLIA — Estados e municípios brasileiros mapeiam frequentemente as áreas que apresentam **risco de deslizamento após temporais**, mas nas últimas duas décadas o trabalho não foi suficiente para levar o poder público a agir e **evitar milhares de mortes decorrentes de enchentes**.

Os mecanismos de análise não têm como consequência a prevenção: 2.572 pessoas morreram devido a deslizamentos de terra, tempestades e inundações no país de 1996 a 2016, segundo dados do Sistema Único de Saúde compilados pelo GLOBO. Com parte da população morando em habitações irregulares em encostas, o Rio está à frente da estatística, com 60% dessas mortes (1.542).

Devido aos mapeamentos feitos pelo poder público, as mortes são evitáveis, diz o geólogo Álvaro Rodrigues dos Santos, ex-diretor do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT). Deslizamentos ocorrem em dois cenários: quando há ocupação de encostas perigosas ou construção irregular em morros. Em áreas diagnosticadas como



de risco muito alto, diz o pesquisador, é preciso desocupar a região e disponibilizar moradia para a população.

— Já nas zonas de alto e médio risco, o aconselhado é estudar obras de contenção e drenagem para dotar a área de estabilidade. São medidas caras, dificilmente adotadas. As autoridades usam sirenes de alerta, que deveriam ter caráter emergencial, como única solução — afirma Santos.

Em 2010, a prefeitura do Rio contabilizou 18 mil residências construídas em áreas de alto risco. Logo após, fora da capital, ocorreu a maior tragédia relacionada a chuvas da história do país. Foram 918 mortos na Região Serrana devido às tempestades de janeiro de 2011.

INVESTIMENTOS CAEM

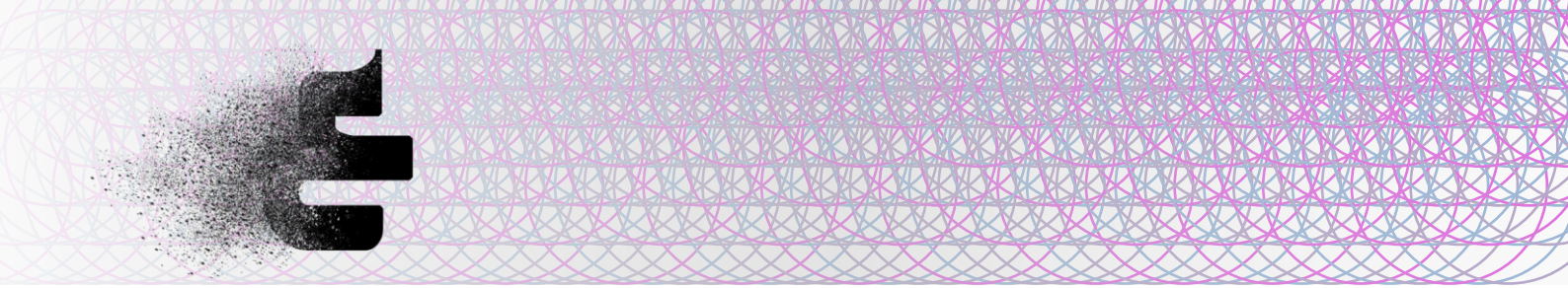
Em dezembro de 2018, a Secretaria estadual de Defesa Civil verificou que ainda há cerca de 300 mil pessoas vivendo em 2.700 áreas de alto risco no estado, ou seja, locais que não deveriam ser habitados. Apesar do conhecimento do poder público, pouquíssimas obras estruturais são feitas.

A Prefeitura do Rio gastou R\$ 224 milhões em drenagem, saneamento e proteção de encostas em 2018, uma queda de 58% em relação a 2013. Especificamente para combater enchentes, o corte na verba foi de 77%. Se a prevenção de deslizamentos envolve deslocar parte da população, para conter enchentes, é preciso investir no sistema de drenagem e melhorar a permeabilização do solo, com bosques, canteiros e reservatórios.

Na noite de chuva em que morreram sete pessoas, na semana passada, a Prefeitura do Rio decretou estado de crise às 22h15m, quando já chovia forte há quase duas horas. O sistema de sirenes não funcionou de forma eficiente. No Vidigal, onde uma pessoa morreu, os alarmes não foram acionados. Há ainda mais de 103 áreas consideradas de alto risco na cidade do Rio, nas quais geólogos recomendam desocupação.

Apesar das centenas de mortes relacionadas à chuva na história recente do Rio de Janeiro, o prefeito Marcelo Crivella disse que a chuva em fevereiro foi inesperada. Argumentou que a cidade está investindo em limpeza de bueiros, o que evitou que a tragédia fosse ainda maior.

— Ninguém esperava. Foi algo extraordinário. Foi uma chuva que a recorrência é mais de 100 anos, 120 anos — disse Crivella.



Depois das chuvas, de imediato, a prefeitura anunciou que iria aumentar os níveis dos alertas. Hoje, o Centro de Operações Rio (COR) opera com os níveis normalidade, atenção e crise. A ideia é aumentar para normalidade, observação (quando começa a chover), atenção, alerta e alerta máximo (equivale a crise).

— É importante distinguir o diferente papel dos sistemas de alerta nos países onde os fatores de risco são realmente naturais e incontroláveis, e em nosso país, onde os fatores de risco são causados pelo ser humano. No Brasil, o papel de um sistema de alerta deveria cumprir uma função nitidamente emergencial e provisória — diz Santos.

Fonte: <https://oglobo.globo.com/brasil/descaso-com-enchentes-matou-2500-pessoas-no-pais-em-vinte-anos-23443400>. Acesso em: 13 de junho de 2019.